

Patrice Lumumba: revolução, liberdade e o Congo hoje

“Devemos seguir em frente, atacando incansavelmente o imperialismo. De todo o mundo, temos que aprender as lições que os acontecimentos nos permitem. O assassinato de Lumumba deve ser uma lição para todos nós” – Che Guevara, 1964.

Via [Review of African Political Economy](#)

Em 17 de janeiro de 1961, o líder africano e primeiro chefe de governo da República Democrática do Congo (RDC), Patrice Lumumba, foi brutalmente assassinado. No entanto, o legado de Lumumba perdura e continua a ressoar entre todos os povos da África e do mundo.

Lumumba levou a RDC à independência em 30 de junho de 1960. O líder africano queria a descolonização de seu país, mas mais ainda, queria erradicar totalmente o poder colonialista europeu presente na África, e remover os saqueadores do continente e do Congo. Como organizador do partido, as ambiciosas aspirações de Lumumba à independência foram inspiradas por grupos pró-independência em toda a África e noções de unidade africana emanadas de Gana, que alcançou a independência em 1957.

A posição resoluta de Lumumba sobre a independência fez dele um inimigo da Europa e dos Estados Unidos, que, segundo vários analistas, desempenhou um papel em sua morte. O assassinato de Lumumba foi o assassinato mais significativo do século XX, devido ao contexto global em que ocorreu, e seu impacto na política congoleza. A guerra, a desordem e o saque têm atormentado o povo da RDC desde então, apesar de o Congo ser um dos países mais ricos em minerais do mundo.

Lumumba morreu lutando pela unidade e autonomia do Congo, no

contexto do passado colonial do país e de seus mecanismos enraizados. Contra o pano de fundo de uma história tão violenta na RDC, nos anos 50, grupos surgiram com uma determinação pró-independência para um Congo livre e soberano. Um desses grupos foi o Movimento Nacional Congolês (MNC), no qual Lumumba se tornou o rosto mais conhecido e a partir de 1958 seu líder.

Em 1958, inspirado pelo movimento de independência da África depois de participar da Conferência dos Povos Africanos em Gana, Lumumba estava determinado a lutar pela descolonização da RDC, apesar das limitadas possibilidades de ação social devido ao sistema colonial belga – um império de silêncio, como era conhecido. Lumumba era a favor da criação de um Estado independente e secular, cujas estruturas políticas unitárias ajudariam a superar as diferenças tribais e a alimentar a criação de um sentimento nacional.

Após protestos e uma onda crescente de descolonização ao longo de vários anos, uma mesa redonda foi convocada em Bruxelas em janeiro de 1960. Nesta conferência, os congolese rejeitaram fortemente as diretrizes elaboradas pela Bélgica, e sob a liderança de Lumumba e do MNC insistiram na transição imediata para a independência e eleições. As eleições foram convocadas para maio daquele ano e Lumumba foi eleito o primeiro Primeiro Ministro, enquanto Joseph Kasa-Vubu foi nomeado como o primeiro Presidente do novo estado independente. O país tornou-se oficialmente independente em 30 de junho de 1960, mudando mais tarde seu nome para República Democrática do Congo.

Entretanto, a independência imediatamente desencadeou grandes dificuldades. Lumumba não conseguiu evitar distúrbios generalizados, principalmente nas províncias de Katanga e Kasai do Sul, onde ambos os estados, em áreas ricas em minerais do Congo, se seccionaram com o apoio do governo belga. A região do Katanga era (e ainda é) o coração da riqueza mineira do país, onde a mineração industrial de grande

escala havia começado no início do século 20, principalmente através do sistema de empresas coloniais, estreitamente alinhado com o estado belga.

Grandes riquezas foram roubadas do povo congolês enchendo os bolsos da elite industrial e política colonial; algo que depois da independência, o antigo poder colonial não estava disposto a sacrificar. Era inevitável que a construção de um legado baseado na exploração colonial brutal e no autoritarismo político não desaparecesse da noite para o dia. Depois de julho de 1960, as revoltas e o desmembramento do Katanga cresceram em força com o motim das forças militares apoiadas pelos EUA e pela Bélgica.

Como aliado estratégico da Bélgica, os EUA mantiveram um interesse próximo nos assuntos da RDC, dado seu interesse no urânio, minado no Congo. A determinação de Lumumba em utilizar os recursos naturais do Congo em benefício do povo fez com que ele fosse imediatamente percebido como uma ameaça aos interesses ocidentais, o que os levou a utilizar todas as estratégias possíveis para removê-lo. Após as revoltas separatistas em Katanga, Lumumba exigiu perante a ONU os direitos de soberania e inviolabilidade de seu território e pediu a expulsão imediata das tropas belgas. Entretanto, a ONU ignorou o pedido e Lumumba procurou o apoio da União Soviética, o que para muitos foi um ponto decisivo na crise do Congo.

Após seu assassinato em 17 de janeiro de 1961, o corpo de Lumumba – juntamente com dois camaradas assassinados com ele, Joseph Okito e Maurice Mpolo – foi dissolvido em ácido na tentativa de apagar seu legado, seus pensamentos e a importância de suas lutas pela libertação dos povos africanos. Sem qualquer sepultamento físico, um dente com cobertura de ouro é tudo o que resta de Lumumba. Ele foi arrancado de seu crânio após ter sido executado e levado para a Bélgica como um troféu humano. Depois de 60 anos, o dente está finalmente voltando para casa. Um juiz belga ordenou que ele fosse

enviado de volta à família de Lumumba na RDC, onde ele pode ser colocado para descansar.

Na famosa carta de Lumumba à sua esposa, escrita dois meses antes de seu assassinato, ele escreveu:

“Chegará o dia em que a história falará. Não será a história que será ensinada em Bruxelas, Paris, Washington ou nas Nações Unidas. Será a história que será ensinada nos países que conquistaram a liberdade da colonização e de seus fantoches. A África escreverá sua própria história e tanto no norte quanto no sul será uma história de glória e dignidade. Morto, vivo, livre, ou na prisão por ordem dos colonialistas, não sou eu quem conta. É o Congo, é o nosso povo para o qual a independência foi transformada em uma jaula onde somos vistos de fora.”

Estariam as pessoas da África se afogando no Mediterrâneo em busca de uma vida melhor na Europa se a visão e a liderança de Lumumba tivessem sido cumpridas? Hoje, as pessoas na África e no Congo ainda estão revoltadas com o assassinato de Lumumba. No entanto, por quanto tempo continuaremos a discutir sua morte, enquanto as circunstâncias de nossas vidas permanecerem inalteradas? Para os africanos, Lumumba permanece vivo como uma ideia, mesmo que estas reflexões não sejam implementadas em um programa partidário ou em uma estratégia política hoje.

Nem a África nem o Congo escreveram a história que Lumumba previu. Lumumba lutou pela independência do Congo e por uma África unida, liberta do imperialismo e do controle externo. No entanto, seu maior legado para seus companheiros congolezes e africanos continua sendo o ideal de unidade nacional (e continental), particularmente na RDC, onde ainda é uma arma importante na defesa do território congolês da balcanização apoiada por potências estrangeiras e empresas internacionais.

Lumumba foi também um líder revolucionário africano cuja visão pan-africanista de um continente unido lhe rendeu muitos

inimigos do mundo exterior. Junto com Kwame Nkrumah, Lumumba procurou um continente onde a riqueza de recursos beneficiasse não apenas o Congo, mas também o povo africano como um todo.

Em seu famoso discurso de independência, como primeiro-ministro recém-eleito, ele se levantou e denunciou a humilhação e a brutalidade do colonialismo. Ele permaneceu durante a crise de 1960 determinado a defender a independência do Congo, a integridade territorial e um programa de reformas que os líderes congolezes fracassaram completamente desde seu assassinato. Talvez seja responsabilidade da geração atual lembrar o legado de Lumumba para poder voltar à sua verdadeira visão. O ciclo de repressão, pobreza e corrupção no Estado congolês ilustra o fracasso da liderança e o legado de exploração e envolvimento estrangeiro na África e no Congo, que continua até hoje.

Na RDC, evocar o nome e a ideologia de Lumumba para meios políticos se tornou uma estratégia política para ganhar a confiança das pessoas e suas cédulas. Mais de 95% dos políticos congolezes se rotulam como lumumbistas ou discípulos de Lumumba. No entanto, a proliferação dos partidos políticos lumumbistas não é nada mais que um truque que consiste em usar seu nome para acessar um cargo político. O nome de Lumumba concede a cidadania política que tem sido usada para saciar ambições pessoais e cumprir uma agenda imperialista.

Ainda somos obrigados a nos perguntar o que significa a morte de Lumumba para o povo africano e congolês? Quais são as lições a serem tiradas dela? E o que estamos fazendo para perpetuar a visão de Lumumba? Hoje, no Congo, o nome de Lumumba tornou-se um passaporte para o poder, mas a questão permanece: como voltaremos para o verdadeiro legado de Lumumba?